

O EVANGELHO DE JOÃO

Nº 22 | Esperança para a dor

Bora começar... (5 min)

Você já passou pela experiência do luto? Como você atravessou o vale da sombra da morte?

Tempo de orar (5 min)

Apresente e ore pelos visitantes.

Ore por todos e pelo estudo de hoje.

Tempo de cantar (5 min)

Mais Perto (Hino 283 CC)

Mais perto quero estar, meu Deus de Ti, // Inda que seja a dor, que me una a Ti. // Sempre hei de suplicar, mais perto quero estar, // Mais perto quero estar, meu Deus de Ti!

Andando triste aqui, na solidão, // Paz e descanso a mim, Teus braços são. // Sempre hei de suplicar, mais perto quero estar, // Mais perto quero estar, meu Deus de Ti!

Minha alma cantará, a Ti Senhor, // Cheia de gratidão, por Teu amor. // Sempre hei de suplicar, mais perto quero estar, // Mais perto quero estar, meu Deus de Ti!

E quando a morte enfim, me vier chamar, // Com serafins nos céus, irei morar. // Então me alegrarei, perto de Ti meu Rei, // Perto de Ti meu Rei, Meu Deus de Ti! .

Tempo da Palavra (15 min)

Ler: João 4.43-54

Quando a dor arromba o coração

Espera-se que os filhos tenham que lidar com a morte e o sepultamento de seus pais e não o contrário. Não é verdade? O problema é que, na vida real, infelizmente, é trágica e perfeitamente possível que pais tenham que, abruptamente, enterrar seus filhos, como foi o caso de Nicholas Wolterstorff (86 anos), filósofo e professor norteamericano (professor de filosofia, dentre outras, nas universidades de Harvard e Yale).

Era uma tarde de domingo ensolarada, meados dos anos 1980, ele na casa dos 50, quando um trágico telefonema o comunicou a respeito do acidente fatal, numa montanha da Áustria, que ceifou a vida de seu filho que contava apenas 25 anos à época. Em seu livro *Lamento por um filho* (1987), o pai enlutado refletiu sobre os sentimentos dolorosos quando a dor arrombou seu coração e de seus familiares:

“Desaparecido da face da terra. Olho para um grupo de estudantes que atravessa a rua à minha frente, e de súbito começo a pensar: ele não está lá. Vou a um jogo de futebol e me vejo observando todos os de 25 anos; nenhum deles é ele. Em todas as multidões e avenidas e cômodos e igrejas e escolas e bibliotecas e reuniões de amigos no mundo, em todas as montanhas, mesmo que o procure, eu não o encontrarei. Apenas sua ausência.

“Silêncio. “Chegou alguma carta do Eric?” “Quando o Eric disse que telefonaria?” Agora apenas silêncio. Ausência e silêncio.

“Quando nos reunimos, agora há sempre alguém ausente; sua ausência é tão presente quanto a nossa presença; seu silêncio é tão audível quanto a nossa fala. Ainda cinco filhos, mas um sempre estará desaparecido, ausente. Quando estamos todos juntos, não estamos todos juntos.

“É o nunca mais que é tão doloroso. Eric nunca mais estará aqui conosco — nunca mais sentado à mesa conosco, nunca mais viajando conosco, nunca mais sorrindo conosco, nunca mais chorando conosco, nunca mais nos abraçando ou nos beijando antes de sair ou ao chegar, não verá seus irmãos e irmã se casar. Vivemos sem ele para o resto de nossa vida.”

Imagine ter que lutar contra esse tipo de sentimento, se você não tivesse esperança; sem esperança de céu, vida eterna, sentido,

